

## DESVENDANDO ESTEREÓTIPOS: Uma breve análise das representações raciais em Clean Pastures (1937)

Cíntia Simões de Souza<sup>1</sup>  Patrícia Teixeira Santos<sup>1</sup> 

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o cartoon Clean Pastures, produzido pela Warner Bros. em 1937. Ele faz parte de uma lista denominada “Os Onze Censurados”, ou “Censored Eleven”, devida a presença de estereótipos raciais relacionados à população afro-americana. O contexto em que ele foi produzido é o da “Era de Ouro” da animação estadunidense e, apesar de ter sido censurado, sua análise é importante para compreender a forma como o racismo se manifestava naquela sociedade e também perceber como os estereótipos que ele veiculava continuaram a se perpetuar na sociedade. A análise fílmica será utilizada com o objetivo de identificar os estereótipos presentes de afro-americanos, como aqueles relacionados ao jazz, ao primitivismo e ao mundo dos jogos de apostas. Estas supostas características eram relacionadas a ideia de um comportamento pecaminoso que relacionou a própria imagem do paraíso pós-morte dos negros ao inferno. A conclusão revela a importância dos desenhos animados para o debate e reflexão sobre o racismo presentes em nossa própria sociedade e as possibilidades de superá-lo. Destaca-se também o valor dos desenhos animados como fonte de análise sobre formas de representações étnicas.

**Palavras-chave:** Desenhos Animados, Estereótipos Raciais, Warner Bros., Afro-Americanos, Racismo.

## UNVEILING STEREOTYPES: A brief analysis of racial representations in Clean Pastures (1937)

### ABSTRACT

This paper aims to analyze the cartoon Clean Pastures, produced by Warner Bros. in 1937. It is part of a list known as the "Censored Eleven" due to the presence of racial stereotypes related to the African American population. The context in which it was produced is the "Golden Age" of American animation, and despite being censored, its analysis is important for understanding how racism manifested in that society and for recognizing how the stereotypes it conveyed continued to perpetuate in society. Film analysis will be used to identify the stereotypes present about African Americans, such as those related to jazz, primitivism, and the world of gambling. These supposed characteristics were linked to the idea of sinful behavior, which connected the very image of the post-death paradise for Blacks to hell. The conclusion reveals the importance of cartoons for the debate and reflection on racism present in our own society and the possibilities of overcoming it. It also highlights the value of cartoons as a source of analysis on forms of ethnic representation.

**Keywords:** Cartoons, Racial Stereotypes, Warner Bros., African Americans, Racism.

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo  
Autor Correspondente: Cíntia Simões de Souza  
E-mail: [cynthia.cinth@gmail.com](mailto:cynthia.cinth@gmail.com)  
Recebido em 17 de Janeiro de 2024 | Aceito em 22 de Julho de 2024.

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo que os desenhos animados possuem é o de desenvolver a ilusão de movimento que é criada pelo trabalho de animar personagens *frame por frame* (Wells, 1998). Mesmo que hoje esse trabalho possa ser realizado pelo computador, o processo continua sendo longo e trabalhoso.

A animação, em si, não é um gênero cinematográfico, pois por meio de seu processo de produção é possível desenvolver qualquer tipo de gênero, seja comédia, terror, drama, entre outros. As possibilidades de criação são as mais diversas, mas, de forma geral, as animações mais comuns são aquelas que possuem certa relação com a realidade.

Essas animações são conhecidas como “Animações Ortodoxas” e um exemplo dessa categoria são os *cartoons*. A característica principal de um *cartoon* era ser produzido em celuloide, já que esta era a técnica mais conveniente para a produção em massa. Apesar de hoje eles poderem ser produzidos pelo computador, os *cartoons* continuam apresentando certas características, como a existência de uma narração contínua, um conjunto de personagens que aparecem do início ao fim, o progresso da ação da esquerda para a direita e a constante reprodução de características específicas em personagens que os tornam imediatamente reconhecíveis pelo público (Wells, 1998).

Um dos principais objetivos que o *cartoon* possui é o de ser engraçado e, para fazer as pessoas rirem, o exagero é utilizado e ele se manifesta em forma de estereótipos e caricaturas. Portanto, a natureza do *cartoon* consiste em retratar as características físicas de uma pessoa ou de um grupo a partir do uso da hipérbole e do exagero de uma forma humorística (Fraser, Lindvall, 1998).

O humor pode ser definido “como o resultado de uma ação ou de uma mensagem que induz uma pessoa ao riso em função da natureza jocosa, estranha ou inesperada de certo evento” (Moreira, 2019) Ele também pode servir para a afirmação de um sentimento de superioridade de um grupo sobre outros, criando um sentimento de solidariedade entre os que pertencem ao primeiro.

Os estereótipos podem ser vistos como imagens presentes na mente humana que normatizam e governam a nossa visão sobre as pessoas. Eles estabelecem um conjunto de crenças e comportamentos que são atribuídos a um “outro”. A caricatura, por outro lado, utiliza dos estereótipos e os deforma ou os desfigura, exagerando algumas características e, muitas vezes, representando esse “outro” em termos sub-humanos com o objetivo de ridicularizar e humilhar (Mitchell, 2005).

A identificação e discussão sobre a presença de estereótipos nos desenhos animados têm feito deles fontes interessantes para o trabalho do historiador, pois eles deixaram de ser percebidos apenas como produções direcionadas à criança e passaram a ser vistos como uma possibilidade de análise da sociedade que os produziu. Por meio deles é possível identificar como as imagens que eles transmitem colaboram para a criação e/ou disseminação de estereótipos referentes a diversos grupos étnicos que são representados não somente de maneira estereotipada, mas caricata.

Percebendo-se essa questão, se torna importante a realização de uma análise crítica a partir de uma fonte que é, no geral, vista pelas pessoas como direcionada exclusivamente para crianças. Sendo assim, os desenhos não possuiriam nenhuma ideologia, pois os responsáveis por sua criação, ao fazerem um produto apenas para o consumo infantil, não teriam inserido nada em suas produções relacionado às suas visões de mundo, incluindo valores e preconceitos. Ao se adotar essa visão, as crianças, e nós mesmos, poderíamos assistir a esses desenhos animados sem nos preocupar com nada que pudesse influenciar a forma como nós apreendemos o mundo ao nosso redor.

Portanto, os desenhos animados ao representarem aspectos da vida real, mesmo que envolva em fantasia, reproduzem relações que existem em nosso próprio mundo. Estereótipos advindos de relações de racismo, por exemplo, não vão simplesmente deixar de existir em um mundo fantasioso, pois quem os cria utiliza o nosso mundo como inspiração, de forma consciente ou não.

Quando realizamos uma análise crítica observamos que os desenhos animados também são fruto de seu próprio tempo e, por isso, eles devem ser debatidos para que não sirvam apenas como fontes de entretenimento inquestionáveis, mas como mais uma forma de se perceber as características da sociedade que os produziu e os possíveis efeitos negativos que eles podem causar em diferentes tempos e contextos por conta da forma como eles representam personagens, espaços e relações.

A partir dessa análise, os desenhos animados podem ser utilizados a favor da educação para uma sociedade mais igualitária e justa, pois a partir deles podemos ver como diferentes povos foram representados e como esse tipo de representação é vista hoje. Isso possibilita inúmeras discussões que colaboram para reflexões sobre como nossa sociedade pode buscar formas de superação do racismo e da desigualdade.

Uma das formas, portanto, de se realizar essa análise crítica é identificar, contextualizar e problematizar estereótipos. Por isso, serão analisados os estereótipos e a narrativa construída pelo *cartoon Clean Pastures*, produzido pela Warner Bros. em 1937. O motivo da escolha deste *cartoon*, em específico, é devida a sua presença na lista dos *Censored Eleven*, ou “Onze Censurados”, que inclui onze *cartoons* da Warner Bros. que foram tirados de circulação das redes de televisão, em 1968, por conterem estereótipos raciais ofensivos durante a maior parte de sua duração. A preocupação que desencadeou a produção dessa lista foi advinda das mudanças causadas pelo surgimento de protestos do Movimento pelos Direitos Civis (Lehman, 2014).

Outro motivo que levou a escolha de *Clean Pastures* é o fato deste ser um *cartoon* que apresenta diversos estereótipos relacionados aos afro-americanos do norte dos Estados Unidos e uma narrativa que possui uma temática religiosa. Vale ressaltar que, em seu contexto de produção, vigorava o chamado *Motion Picture Production Code*, ou “Código Hays”, que estabelecia algumas recomendações com relação ao que poderia ou não ser exibido nas telas de cinema.

Uma dessas recomendações era que nenhum filme, ou parte dele, poderia “brincar” com manifestações religiosas mantidas de forma honesta e nenhum ministro religioso poderia ser representado em uma comédia como vilão ou uma pessoa desagradável. Segundo Lehman, a administração responsável pelo cumprimento do código encomendava os scripts dos estúdios para aprovação, cobrava multas para os violadores do código e proibia a exibição de filmes nos cinemas que não possuísem o selo de aprovação (Lehman, 2007). Ou seja, a fiscalização para os filmes era rígida, mas descobriremos se para os desenhos animados ela era realizada na mesma medida.

Portanto, o objetivo é identificar os estereótipos de afro-americanos que se fazem presentes nessa animação, a narrativa que é construída, como ela se relaciona com o contexto em que foi produzida e com as questões contemporâneas sobre memória. Para isso, será utilizada a metodologia da análise fílmica voltada para a análise específica de desenhos animados.

## 2. DESENHOS ANIMADOS E RACISMO

As imagens e histórias que são apresentadas às pessoas durante a infância exercem grande influência na maneira como elas interpretarão o mundo e outras pessoas no decorrer de toda a sua vida.

a imagem que fazemos de outros povos e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida". (...) Ora, são os poderes dominantes Estados, Igrejas, partidos políticos ou interesses privados que possuem ou financiam livros didáticos ou histórias em quadrinhos, filmes e programas de televisão. Cada vez mais eles entregam a cada um e a todos um passado uniforme. (Ferro, 1983, p. 11).

Os desenhos animados fazem parte dessa formação e eles marcam a vida de quase todas as crianças sem que percebamos que existem interesses privados por trás de grandes personagens como Mickey e a turma dos Looney Tunes e a imagem que eles passam até hoje, independente do que já representaram em outros momentos.

Se assim não fosse, por exemplo, não existiriam os *Censored Eleven*, uma lista com a presença de onze animações, produzidas pela Warner Bros., que foram tiradas de circulação em 1968 por serem tão polêmicas e potencialmente racistas com o povo afro-americano que precisaram ser banidas. Por motivo de comparação é interessante pontuar que não houve essa preocupação com inúmeras outras animações que são repletas de estereótipos de outros grupos étnicos.

Os *cartoons* pertencentes a esta lista nunca foram remasterizados e relançados de maneira oficial após terem sido retirados de circulação e *Clean Pastures* faz parte dela. Não seria interessante para a empresa trazer de volta animações como essa, ainda mais por ela fazer parte da chamada "Era de Ouro" da animação estadunidense, um período que vive como uma memória afetiva para muitas pessoas, da década de 1950 até os anos 2000, como o melhor momento da história da animação, pois estes desenhos fizeram parte de sua infância e são, portanto, romantizados.

Para Barrier, a "Era de Ouro" da animação se iniciou em 1928, com o lançamento de *Steamboat Willie*, do estúdio de Walt Disney, e terminou com o ano da morte de seu principal expoente, o próprio Disney, em 1966 (Barrier, 1999). Este período ficou conhecido como a melhor época de desenvolvimento técnico e artístico para o cinema de animação. Porém, ele coincide com o auge da representação e disseminação de estereótipos raciais, especialmente da população afro-americana. Sampson aponta que, um dos motivos para isso, foi a possibilidade de os novos desenhos sonoros poderem explorar a popularidade da música e do entretenimento afro-americano durante a década de 1930 (Sampson, 1998).

Apesar da produção desses *cartoons* de forma teatral, ou seja, como parte da programação dos cinemas, ter se encerrado na década de 1960, eles foram comprados pelas redes de televisão para compor as programações infantis e marcaram diversas gerações após o fim do período da "Era de Ouro". Foi nesse momento que animações que não foram produzidas especificamente para o público infantil passaram a ser vistas como tal. Nesse contexto, por conta do Movimento pelos Direitos Cívicos, vários *cartoons* tiveram cenas com a presença de estereótipos de afro-americanos retiradas e outros, cuja narrativas eram inteiras marcada pela sua presença, foram censurados. O objetivo de resgatá-los se encontra na importância que eles possuem para a discussão de questões relacionadas ao racismo que persistem em nossa sociedade.

Ao analisarmos um filme, devemos "desvendar os projetos ideológicos com os quais a obra dialoga e necessariamente trava contato, sem perder de vista a sua singularidade dentro de seu contexto." (Morettin, 2007, p. 63). Pois, "se não conseguirmos identificar, através da análise fílmica, o discurso que a obra cinematográfica constrói sobre a sociedade na qual se insere, apontando para suas ambiguidades, incertezas

e tensões, o cinema perde a sua efetiva dimensão de fonte histórica.” (Morettin, 2007, p. 64).

Compreender que tipos de discursos são veiculados por *cartoons*, que são vistos apenas como entretenimento infantil, ajuda a perceber que os problemas da sociedade são representados em todos os meios de consumo e pode influenciar aqueles que os consomem. A partir da criação de narrativas e imagens que reforçam estereótipos, as relações de racismo continuam sendo mantidas. Censurar essas produções não colabora para a superação do racismo, pois, ao escondê-las, é possível fingir que elas nunca existiram e o que poderia servir como lição e exemplo é simplesmente esquecido.

## 2.1 DISCURSOS E ESTEREÓTIPOS

Os significados históricos presentes no imaginário de quem profere um discurso são seus principais componentes, por isso o discurso seria uma “representação do imaginário no qual seu autor está inserido.” (Silva, Silva, 2005, p. 101). Porém, o sujeito que produz o discurso “não é responsável pelos significados que existem em seu discurso, uma vez que nenhum discurso é de autoria exclusiva de seu autor (...)” (Silva, Silva, 2005, p. 101). Portanto, dificilmente pode-se acusar os produtores, ou o estúdio, como racistas, mas também não é possível afirmar que suas imagens e discursos não serão interpretados como racismo pelo público.

De qualquer forma, para uma análise imparcial da questão, é necessário refletir sobre se aquilo que é transmitido pela imagem e pelo som se relaciona com os diferentes discursos existentes na sociedade. Nesse tipo de análise não se é levado em consideração as intenções dos criadores, pois estas dificilmente são identificadas. A interpretação do público, como afirmado anteriormente, pode criar diferentes significados para uma mesma produção, principalmente quando analisada em tempos e espaços diferentes do de sua produção original.

Um dos elementos a serem analisados é o espaço geográfico e como ele é representado nas animações, pois essas imagens possuem estreita relação com a vivência de quem os produz.

Se o filme é, em última instância, uma representação de um espaço (qualquer) e de um tempo (qualquer), essa representação é criada com base na vivência do espaço-tempo de um criador (diretor, roteirista, produtor ou outro). Por isso diz-se que o filme guarda elementos do espaço que lhe é comum (seja buscando identificações com este, seja tentando negá-lo) (Cunha, 2019, p. 53).

Ao fazerem parte da narrativa e serem o lugar que os personagens ocupam em uma animação, os espaços geográficos se tornam um elemento a mais que podem vir a colaborar com os estereótipos desses personagens.

Analisar a forma como o som é utilizado também é muito importante, pois a trilha sonora de uma animação ou filme pode condicionar certas respostas do público. “Voz, música, canção e efeitos sonoros podem ser todos avaliados separadamente pela contribuição particular que cada um faz para o vocabulário auditivo coletivo que simultaneamente ilustra, interroga, comenta sobre e narra a imagem visual.” (Wells, 1998, p. 99, 100).

As músicas, por exemplo, se tornam mais uma forma de se estereotipar personagens e lugares. Esses estereótipos respondem a uma expectativa cultural com relação ao som em determinadas situações (Goldmark, 2005).

Quando um desenho animado usa estereótipos de raça, gênero ou nacionalidade como chave para uma piada, a piada só pode ter sucesso se o público reconhece qual grupo marginalizado está sendo visado. (...) O uso de tal música garantiria que o espectador estivesse devidamente preparado para as situações étnicas, sexuais ou raciais que se seguiriam. (Goldmark, 2005, p. 31)

No caso de *cartoons* que continham a presença de estereótipos raciais da população afro-americana, as músicas tendiam para o *jazz* e o *swing* e, estes, estavam relacionados a uma suposta origem primitiva que remetia ao continente africano. Analisar as maneiras pelas quais os afro-americanos são representados nesses *cartoons* ajuda na compreensão de como as relações de racismo eram, e são, definidas e a identificação de estereótipos que se fazem presentes em diferentes meios até hoje.

A questão que se coloca hoje é que a presença de estereótipos nas produções cinematográficas pode ser muito prejudicial para os grupos que são representados dessa forma e, assim, há uma tentativa por parte dos estúdios em se produzir filmes, séries e desenhos animados que sejam mais inclusivos e que respeitem a diversidade, pois sua arrecadação financeira dependerá da aceitação do público de maneira geral. Porém, colocar na prática essa preocupação tem se demonstrado um desafio para os estúdios que, muitas vezes, não conseguem trazer uma produção inclusiva e que atenda aos interesses de seu público.

Nesse contexto, não existe, por parte dos estúdios, interesse em resgatar produções antigas que hoje seriam definidas como racistas para debate e reflexão, pois isso poderia levantar uma polêmica que prejudicaria seus negócios. Se elas não são lembradas ou conhecidas pela maioria das pessoas não haveria com o que se preocupar.

Porém, é importante que essas produções sejam trazidas para o debate, pois elas afetaram, e continuam afetando, a vida de diversas pessoas e a forma como elas veem seu passado e a si mesmas. Não foram encontrados registros específicos que demonstram que *Clean Pastures* e outros desenhos da lista foram vendidos para emissoras fora dos Estados Unidos, porém a forma como eles representam os afro-americanos é similar a presente em diversas outras produções que circularam mundialmente, como a figura de *Mammy Two Shoes* em Tom e Jerry e o “primitivismo” ancestral dos africanos, grupo cujas representações não foram questionadas no mesmo momento da criação da lista dos “Onze Censurados”.

Um comentário impactante tecido por um autor afro-americano que trabalha com a representação dos negros nos desenhos animados traz reflexões profundas sobre esse problema. Sampson nos diz que

Animadores encontraram humor no conceito de negros sorridentes cantando e sapateando nas plataformas de leilão de uma plantação escrava do sul. Mas eu acredito que mostrar europeus sorridentes cantando e dançando na sua caminhada para o portão de um campo de concentração nazista teria sido tão abominável e levantaria tanto a indignação pública que isso teria resultado em certa ruína financeira para qualquer estúdio de animação insensato o bastante para fazer isso. (Sampson, 1998, p. VIII)

Outro ponto que pode ser colocado para análise é o conceito de racismo recreativo, pois

É muito comum ouvirmos o argumento segundo o qual produções culturais que reproduzem estereótipos raciais não são discriminatórias porque promovem a descontração das pessoas. Isso sempre ocorre durante as discussões sobre as representações de minorias raciais em programas humorísticos (Moreira, 2019, p. 18).

Para o autor, o tipo de humor que se baseia em piadas com a aparência dos negros e que os retrata como animais ou criminosos são lugares comum até os dias de hoje no repertório de humoristas brancos. “Quanto maior o número de piadas de cunho racista, maior a popularidade deles entre pessoas brancas” (Moreira, 2019, p. 19). A questão que se coloca é que não permitir essas piadas poderia ser considerado um tipo de censura, o que iria contra o princípio da “liberdade de expressão”.

“Os estereótipos raciais negativos presentes em piadas e brincadeiras racistas são os mesmos que motivam práticas discriminatórias contra minorias raciais em outros contextos.” (Moreira, 2019, p. 23). Por isso, para o autor, o humor racista é um meio de propagação de hostilidade racial e ele é nocivo por conta das imagens negativas que são produzidas de minorias sociais. Essa prática faz parte, no Brasil, de um projeto de dominação chamado racismo recreativo.

Apesar do conceito ter se desenvolvido em um contexto brasileiro, ele também poderia ser aplicado em outros espaços, pois, uma das formas dos grupos dominantes se manterem no poder, é por meio do humor que desvaloriza o outro. Esse humor favorece o preconceito e, conseqüentemente, práticas discriminatórias características do racismo.

As disputas envolvendo a memória desse período são frequentes, pois envolvem processos de lembrança, esquecimento, apagamento e negação. Isso se deve por conta de o racismo ainda ser um problema difícil para a sociedade. Esquecer esses *cartoons*, portanto, seria esquecer uma parte da história do racismo.

As empresas que um dia produziram esse tipo de conteúdo procuram evitar ao máximo que essas produções sejam atreladas aos seus nomes, já que hoje elas trariam motivos para grandes debates, evitando boicotes e embaraço (Sandler, 1998). Esse problema se torna evidente pela fala de Sandler em relação ao estúdio Disney:

Reescrever a história serve à Disney de duas formas. Primeiro, em policiar a memória, a Disney pode construir e controlar a memória popular; esquecer o passado se torna um meio de mobilizar sua imagem de inocência infantil. Segundo, protegendo a memória, a Disney “comodifica” a memória; o consumo cultural dos seus produtos marca e legitima as virtudes da diversão americana, da inocência e da identidade (Sandler, 1998, p. 5)

Mesmo que nosso objetivo seja analisar um *cartoon* produzido pela Warner Bros., é interessante observar que esse é um problema que outras grandes empresas também enfrentam. A imagem que a Disney procura criar e sustentar sobre si mesma e sua história está relacionada à inocência e à magia, características que remetem à infância. Ao escrever sobre seu passado e seu presente, é selecionado apenas aquilo que colabora para a perpetuação dessa imagem desejada. Mobilizar essas características permitem que a empresa defina seu público-alvo e faça as pessoas a conhecerem e lembrarem dela a partir daquilo que foi permitido. Essa análise pretende ser o oposto disso.

## 2.2 UM CÉU DE NEGROS SERIA O INFERNO?

O *cartoon Clean Pastures*, de 1937, toma por referência o filme *The Green Pastures* lançado no ano anterior também pela própria Warner. Sua temática principal é representar histórias da bíblia da forma como elas seriam visualizadas por personagens negros e, nesse contexto, o céu é habitado apenas por eles. Tendo esse filme como referência, é possível supor que o *cartoon* também trará uma temática religiosa em sua narrativa, mas de uma forma cômica.

Logo de início identificamos qual será uma das ambientações da história. Por conta da presença de várias iluminações identificando alguns prédios como clubes de dança e uma sequência de imagens composta por mulheres negras dançando, uma mão negra jogando dados em uma mesa de apostas, mãos preparando drinks e um casal negro dançando, já poderíamos identificar o espaço como sendo o Harlem, pois dança, bebidas e apostas eram estereótipos comuns relacionados aos negros afro-americanos. Porém, como se não bastasse, a própria palavra Harlem aparece para que não haja dúvidas. Nos primeiros segundos já somos introduzidos a estereótipos em série, uma característica esperada de um *cartoon* da “Era de Ouro”.

Após o espaço ter sido apresentado, a câmera se afasta e vemos o planeta terra a se perder no espaço até chegarmos ao céu religioso. No portão está escrito “par de dados”, uma expressão comum para fazer referência ao interesse dos negros por apostas. O responsável pelo céu é um anjo negro, São Pedro, que está preocupado com a baixa no número de pessoas que estão ocupando o paraíso, enquanto o Hades cresce. Nesse momento, fazemos a relação entre o filme e o *cartoon*, pois nos deparamos com um céu composto apenas por pessoas negras.

Para resolver o problema do baixo número de negros que estão indo para o céu, um anjo, que é uma caricatura de Stepin Fetchit, um artista afro-americano muito conhecido no período, é mandado para o Harlem para atrair mais pessoas. Ele não consegue cumprir a tarefa por conta da falta de interesse dos moradores. Outros anjos, caricaturizados como artistas afro-americanos do período, percebem que, para os moradores quererem ir para o paraíso, eles precisarão de ritmo.

Ao chegarem ao Harlem e começarem a dançar e cantar ao ritmo do *swing*, os moradores correm para acompanhá-los. Não demora muito para que todos os sigam por um caminho que os levam até o céu e o *cartoon* termina com o objetivo de São Pedro de trazer mais pessoas para o ocupar, até não haver mais vagas, cumprido. Porém, a polêmica reside no fato de que, mesmo não havendo mais vagas, uma pessoa bate na porta perguntando se haveria espaço para mais uma e São Pedro abre e afirma que sim e, nesse momento, vemos a figura do diabo adentrando o céu.

A partir dessas cenas é possível inferir que um céu ocupado apenas por pessoas negras que foram levadas até lá por um ritmo musical que era visto como estando relacionado à vida urbana dos afro-americanos, marcada por diversos vícios, seria, na verdade, um inferno. Assim, toda a cultura afro-americana estaria relacionada a uma vida desregrada e pecaminosa.

Esse cartoon foi produzido em um contexto em que era comum associar o jazz e o *swing* com “música de floresta” e, por isso, cartoons como esse imaginavam um ambiente fantástico e, muitas vezes violento, que relacionava a negritude com o Harlem, o Velho Sul e a África (Sammond, 2015). Portanto, a simples presença do jazz e de outros estereótipos direcionados à população afro-americana era o suficiente para relacionar todos os negros do mundo com o primitivismo, característica atribuída aos africanos e, conseqüentemente, com um comportamento voltado para o pecado. Dessa forma fica fácil de compreender por que um céu cheio de pessoas negras estaria mais para inferno do que paraíso.

Uma *review* interessante publicada no *Village Voice*, em 1981, afirma que esse *cartoon* se preocupou com os tons de pele diferenciados entre afro-americanos e se atentou para o fato dele fazer parecer que todos os negros vivem no Harlem (Sampson, 1998). Outra afirmação profunda possível de ser encontrada sobre o *cartoon* é a aparente sugestão de que a pecaminosidade do Harlem pudesse ser resolvida por meio da morte em massa de seus residentes. Isso não seria uma defesa do genocídio? (Lehman, 2017).

Segundo Barrier, este é um dos poucos *cartoons* que entraram em conflito com o *Production Code*, pois existia a recomendação para os estúdios de não representar nenhuma religião de forma burlesca, exatamente o que acontece em *Clean Pastures*. Joseph I. Breen, responsável pela administração do código, chegou a enviar uma carta para Leon Schlesinger, até então diretor do estúdio de animação da Warner. Nela, Breen afirmava que tinha certeza de que algumas cenas da animação ofenderiam muitas pessoas em todas as partes do mundo, mas independente desse comentário, a animação passou com apenas algumas mudanças na trilha sonora (Barrier, 1999).

É possível perceber que, quando se tratava de um desenho animado e a presença de ofensas à população afro-americana, não havia uma verdadeira preocupação com aquilo que estava sendo apresentado, ainda mais se houvesse uma questão financeira relevante que foi o custo de produção do *cartoon*, que era colorido e, portanto, mais caro. Os exibidores também preferiam os *cartoons* coloridos e a presença de caricaturas de pessoas famosas, portanto a preocupação com seu lançamento não estava relacionada aos seus problemas religiosos específicos, mas sim a uma questão financeira (Lehman, 2007).

De qualquer forma o cartoon foi aprovado com apenas algumas poucas mudanças, já que o problema, para o escritório, estava relacionado mais à sátira com a religião do que com todos os estereótipos que são apresentados. Essa animação prova que os estúdios realmente foram longe em satirizar os afro-americanos (Lehman, 2007).



Por outro lado, mesmo considerando que houve uma preocupação com o conteúdo ofensivo do *cartoon*, é possível que o problema de fato fosse a representação dos cidadãos do céu, pois os anjos que o comandavam eram todos negros. Anjos são estereotipados como puros, santos e brancos em suas vestimentas e raça. Os censores, portanto, podem não ter gostado da ideia de um céu cheio de dançarinos, apostadores, fãs de jazz, entre outros, e o fato de serem todos negros (Goldmark, 2005).

Portanto, a partir dessas constatações, é possível concluir que a narrativa construída por esse *cartoon* e os estereótipos que ele apresenta, contribuem para a sustentação de um imaginário sobre as pessoas afro-americanas que é composto por imagens negativas, todas relacionadas ao que se é considerado pecado. Sendo assim, essas pessoas não seriam exemplos a serem seguidos e desconfiar delas seria um hábito natural. Se houvesse um céu para elas, por conta de todos esses comportamentos, esse “paraíso” seria, na verdade, o próprio inferno. Esse discurso faz parte de uma sociedade racista, pois nem as próprias recomendações para o cinema eram seguidas se as pessoas representadas não fossem brancas.

A partir da análise de apenas um *cartoon*, foi possível perceber o porquê de os estúdios não quererem trazer à tona esse tipo de conteúdo para discussão, pois ele taxaria o passado deles como racista. Independente disso, a discussão é importante, pois permite ver que o racismo estava presente, e ainda pode estar, em meios que a maioria das pessoas não desconfiam e, a partir disso, reverem posicionamentos e preconceitos que a influenciaram durante toda sua vida.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *cartoon Clean Pastures* da Warner Bros., produzido em 1937, é um exemplo marcante entre os desenhos animados produzidos durante a “Era de Ouro”. O enfoque deste trabalho foi se voltar para uma análise crítica dessa animação, a partir de uma tentativa de situá-lo no contexto histórico e cultural em que foi concebido e destacando suas implicações contemporâneas.

O desenho animado revela uma série de estereótipos prejudiciais e ofensivos relacionados à população afro-americana. Ao representar o Harlem como um lugar caracterizado pelo jazz, pelas apostas e vícios, o *cartoon* perpetua estereótipos que associam a comunidade negra a comportamentos negativos. A análise crítica buscou identificar os discursos presentes na obra para evidenciar como desenhos animados, frequentemente considerados como entretenimento infantil, podem ser veículos de transmissão de preconceitos e estereótipos.

A temática religiosa apresentada em *Clean Pastures* revela uma abordagem burlesca que entrava em conflito com o próprio *Production Code*. Até mesmo o céu é caricaturizado de forma a reproduzir estigmatizações e preconceitos, questões que revelam o racismo presente na sociedade que o produziu.

A resistência por parte dos estúdios em resgatar e debater produções antigas que hoje seriam prontamente definidas como racistas, evidencia os desafios em lidar com o legado problemática desses desenhos animados. Empresas como a Warner Bros. preferem manter tais obras fora do foco, evitando debates que possam comprometer sua imagem atual. No entanto, a importância de trazer essas produções para discussão é fundamental para a compreensão do impacto duradouro que os estereótipos têm na sociedade.

O estudo desse *cartoon* específico não é apenas uma reflexão sobre o passado, mas uma chamada à ação para uma análise mais ampla e crítica de como a mídia, mesmo aquela destinada às crianças, pode perpetuar preconceitos e influenciar a visão de mundo das gerações presentes e futuras. Nesse ponto, este trabalho pretendeu ser apenas um breve começo.

## REFERÊNCIAS

- Barrier, Michael. **Hollywood Cartoons: American Animation in Its Golden Age**. New York: Oxford University Press, 1999.
- Cunha, Ronell. **A representação do espaço urbano no cinema: Uma viagem dos primeiros cinemas ao princípio da modernidade cinematográfica**. 2019. 333f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- Ferro, Marc. **A Manipulação da História no Ensino e nos meios de Comunicação**. São Paulo: IBRASA, 1983.
- Fraser, Ben; Lindvall, Terry. **“Darker Shades of Animation”: African-American Images in the Warner Bros. Cartoon**. In: SANDLER, Kevin S. (ed.). *Reading the Rabbit: Explorations in Warner Bros. Animation*. 2. ed. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.
- Goldmark, Daniel. **Tunes for ‘Toons: Music and the Hollywood Cartoon**. Berkeley: University of California Press, 2005.
- Lehman, Christopher P. **The Colored Cartoon: Black Presentation in American Animated Short Films, 1907-1954**. Amherst: University of Massachusetts Press, 2007.
- \_\_\_\_\_. **African American Representation through the Combination of Live Action and Animation**. In: BECKMAN, Karen (org.). *Animating Film Theory*. Durham and London: Duke University Press, 2014.
- \_\_\_\_\_. **The Censored 11: “Clean Pastures” (1937)**. 2017. Disponível em: <https://cartoonresearch.com/index.php/the-censored-11-clean-pastures-1937/>. Acesso em: 11 dez. 2023.
- Mitchell, W.J.T. **What Do Pictures Want? The Lives and Loves of Images**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- Moreira, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- Morettin, Eduardo. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. In: XAVIER, Ismail (org.). *História e Cinema: Dimensões Históricas do Audiovisual*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2003.
- Sampson, Henry T. **That’s Enough Folks: Black Images in Animated Cartoons, 1900-1960**. Lanham: Scarecrow Press, 1998.
- Sandler, Kevin S. **Reading the Rabbit: Explorations in Warner Bros. Animation**. 2. ed. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.
- Silva, Kalina V.; SILVA, Maciel H.. **Dicionário de Conceitos Históricos**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2005.
- Wells, Paul. **Understanding Animation**. 2nd ed. London: Routledge, 1998.